

XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017

GT-9 – MUSEU, PATRIMÔNIO E INFORMAÇÃO

MATRIZES DO PENSAMENTO MUSEOLÓGICO DE GUSTAVO BARROSO: UMA ANÁLISE PRELIMINAR

Ivan Coelho de Sá (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO)

GUSTAVO BARROSO'S MATRICES MUSEOLOGICAL THOUGHT: A INITIAL ASSESSMENT

Modalidade da Apresentação: Comunicação Oral

Resumo: O objetivo deste artigo é divulgar os resultados finais da pesquisa referente à identificação das matrizes que teriam fundamentado o pensamento museológico de Gustavo Barroso, materializado nas “Noções de Organização, Arrumação, Catalogação e Restauração”, Parte Geral do primeiro volume da “Introdução à Técnica de Museus”, publicado em 1946 como livro didático. Além deste texto – que constituiu o cerne da análise da pesquisa – a estrutura teórica corresponde ao conjunto de obras e autores que fundamentaram Barroso na elaboração do texto em questão, essencialmente, as publicações do *Office International des Musées*: as Revistas *Mouseion* (1927-1940), *La Conservation des Monuments d'Art et d'Histoire* (1933) e os Anais da *Muséographie* I e II (1935); a Série *Musées* (1933), da Revista *Les Cahiers de la République des Lettres, des Sciences et des Arts* e a Série *Muséographie* (1938), da Revista *L'Architecture d'Aujourd'hui*. A metodologia conjugou pesquisa bibliográfica e pesquisa exploratória. Esta última constituiu o cerne do trabalho na medida em que todos os autores e obras foram identificados, analisados e cotejados com o texto barroseano visando registrar possíveis ressonâncias ou compilações. Este mapeamento produziu um volume considerável de dados tornando-se necessário sua organização em quadros e gráficos para subsidiar análises quantitativas e qualitativas que fundamentaram os resultados finais.

Palavras-Chave: Museologia; Museografia; Gustavo Barroso; Curso de Museus; Museu Histórico Nacional.

Abstract: The objective of this article is to reveal the final results of the research concerning identification of the matrices that would have supported Gustavo Barroso's museological thought, materialized in the “Notions of Organization, Arrangement, Cataloging and Restoration”, General Part of the first volume of the *Introdução à Técnica de Museus* (*Museum Techniques' Introduction*), published in 1946 as a educational Handbook. Besides this text, which was at the essence of the research's analysis, the theoretical structure corresponds to the set of works and authors that based Barroso in the preparation of the concerned text, essentially the publications of the *Office International des Musées*: the Magazines *Mouseion* (1927-1940), *The Conservation of Monuments d'Art et d'Histoire* (1933) and the *Annals of Muséographie* I and II (1935); *The Musées Series* (1933), *Les Cahiers de la République des Lettres, des Sciences et des Arts* and the *Muséographie Series* (1938), by *L'Architecture d'Aujourd'hui*. The methodology fused either bibliographic and exploratory research. The latter one was the core of the work so far as all the authors and works were named,

analyzed and collated with the Barrolean text in order to record possible resonances or compilations. This survey produced a considerable amount of data making it necessary to organize them into tables and graphics to support both quantitative and qualitative analyzes that justify the final results.

Keywords: Museology; Museography; Gustavo Barroso; Museum's Course; National Historic Museum.

1. INTRODUÇÃO

A pesquisa sobre as matrizes que teriam fundamentado o pensamento museológico de Gustavo Barroso (1888-1959) é produto do Projeto de Pesquisa “Recuperação e Preservação da Memória da Museologia no Brasil”, cadastrado no Departamento de Pesquisa da Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa - PROPG, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO. Aprovado em 13 de dezembro de 2005, no Departamento de Estudos e Processos Museológicos - DEPM, do Centro de Ciências Humanas e Sociais - CCH, desta mesma Universidade, o projeto tem como objetivos principais recuperar, preservar, pesquisar e divulgar a História e a Memória da Museologia a partir do desenvolvimento do antigo Curso de Museus, do Museu Histórico Nacional - MHN, atual Escola de Museologia da UNIRIO. Sua metodologia fundamenta-se na coleta, processamento técnico, mapeamento, análise e interpretação de fontes primárias textuais e iconográficas pertencentes, na sua maioria, ao Núcleo de Memória da Museologia no Brasil - NUMMUS, sediado na Escola de Museologia e cuja criação informal remonta a maio de 2005.

A pesquisa no campo da Museologia ainda resente-se de estudos que possam analisar e redimensionar alguns aspectos de sua história, de seu desenvolvimento e de suas transformações, inclusive das origens de suas bases teóricas. Falar em bases teóricas da Museologia no Brasil equivale a falar das “Noções de Organização, Arrumação, Catalogação e Restauração”, de Gustavo Barroso, um texto seminal inserido como Parte Geral, no primeiro volume da “Introdução à Técnica de Museus”.

Lançados respectivamente em 1946 e 1947, os livros “Introdução à Técnica de Museus”, volumes 1 e 2, completaram 70 anos de publicação (2016-2017). Ambos constituíram o principal suporte didático da disciplina Técnica de Museus criada por Gustavo Barroso em 1933, no recém-instalado Curso de Museus, que inaugurou o ensino formal da Museologia no Brasil. Tanto a disciplina quanto os livros que lhe deram suporte desempenharam relevante papel no contexto da implantação e da sedimentação dos estudos de Museologia tendo influenciado a formação profissional e o pensamento de

gerações de Conservadores de Museus, hoje conhecidos como Museólogos. Estes profissionais, graduados pelo Curso de Museus nas décadas de 1930, 1940 e 1950, período que corresponde à atuação docente de Gustavo Barroso, trabalharam em museus, órgãos de patrimônio, centros de pesquisa, universidades, associações de classe etc. A partir do início da década de 1970, o texto passou por um processo de silenciamento, não apenas pela obsolescência de seus conteúdos, mas também pela estigmatização associada ao seu autor. Seus posicionamentos ideológicos como ativista do Integralismo e suas ideias anticomunistas, antisemitas¹ e antimaçônicas fizeram com que tudo que se relacionasse a ele fosse encarado como um verdadeiro tabu. Isto repercutiu de maneira negativa no campo museológico, sobretudo no que se refere à pesquisa, na medida em que se condenou ao esquecimento o estudo de um período fundamental do desenvolvimento da Museologia no Brasil, intrinsecamente ligado à sua atuação e que não poderia ser olvidado sem comprometer o entendimento de todo um processo de construção teórica e prática da Museologia.

Este silenciamento desenvolveu-se tacitamente e não houve uma reavaliação crítica formal, sobretudo no espaço da Academia, que pudesse suscitar reflexões e contribuir com novas discussões e perspectivas de leitura. Acreditamos que esta reavaliação crítica não pode prescindir do conhecimento objetivo das matrizes que estruturaram o pensamento de Gustavo Barroso, sobretudo das fontes literárias² que possam ter fundamentado o texto em questão.

2. MOTIVAÇÕES DA PESQUISA E FORMULAÇÃO DE ALGUMAS QUESTÕES

A proposta central desta pesquisa teve como objetivos primordiais identificar, mapear e analisar as matrizes do pensamento museológico barroseano. Ainda que os desdobramentos desta proposta possam suscitar reflexões conceituais, este não é o foco desta pesquisa, mesmo porque seu espectro de ação restringe-se aos debates e às perspectivas de Museologia desenvolvidos durante a primeira metade do século XX, período em que as questões conceituais não constituíam a ênfase das discussões. No entanto, ao

¹ Ver: MAIO, Marcos Chor. **O pensamento anti-semita moderno no Brasil: o caso de Gustavo Barroso**. Anais do Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro, v.35, 2003. p. 228-248.

² Entendemos como fontes literárias o conjunto de obras, autores e textos, bem como conceitos e ideias por eles divulgados. As matrizes constituiriam um conjunto maior considerando não somente as fontes literárias, mas também instituições museológicas e órgãos de patrimônio e museus, bem como metodologias, diretrizes e práticas defendidas ou utilizadas por estas mesmas instituições.

longo do texto, utilizamos frequentemente os termos Museologia e Museografia, não somente em relação ao trabalho de Gustavo Barroso, mas também em relação às ideias, propostas e ações discutidas e promovidas pelo *Office International des Musées-OIM* e praticadas por inúmeras instituições museológicas e por profissionais europeus, norte-americanos e latino-americanos. Sendo assim, gostaríamos de esclarecer que nosso entendimento de Museologia abrange toda a complexidade e interação pluridisciplinar do campo museológico, ao passo que a Museografia corresponderia, mais pontualmente, à aplicação prática nas áreas específicas da gestão, documentação, informação, conservação e comunicação. Esta compreensão aproxima-se de algumas acepções apresentadas por Desvallées e Mairesse nos “Conceitos-chave de Museologia”:

A museologia [...] inclui um campo muito vasto que compreende o conjunto de tentativas de teorização ou de reflexão crítica ligadas ao campo museal. O denominador comum desse campo poderia, em outros termos, ser designado por uma relação específica entre o homem e a realidade, caracterizada como a documentação do real pela apreensão sensível direta.³

[...] a museografia é definida como a figura prática ou aplicada da museologia, isto é, o conjunto de técnicas desenvolvidas para preencher as funções museais, e particularmente aquilo que concerne à administração do museu, à conservação, à restauração, à segurança e à exposição.⁴

Por outro lado, na maioria das vezes, optamos por utilizar estes dois termos combinados, isto é, Museologia-Museografia, por entender que tanto a Museologia quanto a Museografia ainda eram muito permeáveis, uma vez que percebemos que não havia, entre as décadas de 20 e 40, uma definição e um discernimento claro entre estes conceitos. Ao mesmo tempo em que as áreas técnicas estavam em pleno desenvolvimento, tais como a gestão, documentação, conservação e exposição, podemos perceber que os estudos já apontavam para a análise do Museu como espaço público e que, como instituição formal, já possuía uma missão social e um potencial educativo. Estas ‘novas’ demandas dos museus são apresentadas na ‘cartilha’ barrosea como reflexo do pensamento internacional, de forma a colocar o estudante do Curso de Museus a par destas tendências. É importante salientar também que Barroso utilizou frequentemente o termo “Técnica de Museus”, apesar de mencionar o termo “Museologia” – ainda não totalmente consagrado –, sendo

³ DESVALLÉES, A. e MAIRESSE, F. **Conceitos-chave de Museologia**. (Trad. e comentários de Bruno Brulon e Marília X. Cury) São Paulo: Armand Colin / ICOM, 2013. p. 63.

⁴ Idem. p. 59.

preterido, na maioria das vezes, por Museografia, sobretudo pelos estudiosos de influência francófona. Ao longo da pesquisa, pudemos perceber que, de modo geral, inclusive por parte de Barroso, havia o entendimento da Museografia como um conjunto de atividades e normas técnicas de âmbito científico, isto é, como um *logos* em emergência e a produção da época indica esta necessidade de conferir um estatuto de Ciência à Museografia. Mais adiante, isto é, a partir da colocação de Georges-Henri Rivière no Seminário Regional da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO⁵ sobre a Função Educativa dos Museus, realizada no Rio de Janeiro, em 1958, a Museografia passa a ser entendida como uma fração do campo da Museologia. Este processo culminou, ao longo das décadas de 70 e 80, no desenvolvimento da Museologia como campo disciplinar, passando a ser estudada a partir de perspectivas antropológicas, sociológicas, filosóficas e informacionais com o objetivo de identificar, de fato, seu objeto de estudo.

Retomando a proposta central da pesquisa salientamos que seu caráter inédito levou-nos a pensar em uma contribuição recortada, isto é, uma primeira análise das matrizes que teriam influenciado o pensamento museológico barroseano. Entretanto, há igualmente a intenção de que esta primeira análise possa vir a elucidar também o processo de assimilação de ideias por parte de Gustavo Barroso, bem como esclarecer alguns aspectos da visão barroseana de Museologia – guardadas as devidas proporções tendo em vista o seu tempo e o seu espaço.

Assim, a motivação principal que norteou a elaboração desta pesquisa foi exatamente identificar e analisar as matrizes que teriam dado suporte teórico a Gustavo Barroso, ou seja, a um momento pioneiro em que a construção do pensamento museológico no Brasil confunde-se com o despontar do processo de ensino e formação do profissional de museus. Mais que analisar o alcance do pensamento barroseano em termos de Museologia torna-se imperioso conhecer as fontes literárias que lhes serviram de base para fundamentar suas ideias nos seus principais canais de divulgação, já citados, a disciplina Técnica de Museus e o texto “Noções de Organização, Arrumação, Catalogação e Restauração”. Esta proposta pode parecer simples à primeira vista, mas na verdade é complexa e implica vários questionamentos: 1- Quais seriam as matrizes que teriam fundamentado Gustavo Barroso na redação do referido texto? 2- Quais seriam as obras e os

⁵ *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization. Em português, Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.*

autores cujas ideias teriam influenciado, efetivamente, o pensamento museológico barroseano? 3- Qual seria a natureza destes textos em termos de área ou áreas de conhecimento? 4- Qual seria o perfil dos autores destes textos em termos de nacionalidade, áreas de formação e atuação? 5- Qual seria a origem temporal destes autores e textos: ultrapassados ou contemporâneos ao contexto histórico de Gustavo Barroso? 6- Quais seriam as ideias veiculadas nestes textos? 7- Como estas ideias poderiam ser analisadas em relação ao momento histórico em que emergiram: conservadoras ou progressistas? 8- Quais ideias teriam sido assimiladas ou rechaçadas por Gustavo Barroso? 9- Em que aspectos da atuação prática de Gustavo Barroso no MHN, no Curso de Museus e no âmbito do patrimônio pode-se perceber a materialização das ideias assimiladas? 10- O trabalho de Gustavo Barroso restringiu-se a uma simples repetição de fórmulas em relação às matrizes internacionais ou assumiu aspectos de protagonismo, originalidade ou até mesmo de vanguarda?

3. PRINCIPAIS DESAFIOS NA INVESTIGAÇÃO DAS FONTES BIBLIOGRÁFICAS

A partir de nosso conhecimento inicial das fontes utilizadas por Gustavo Barroso nas “Noções de Organização, Arrumação, Catalogação e Restauração” formulamos a hipótese de uma origem europeia das matrizes deste texto, ideia já naturalizada no campo em relação aos estudos do pensamento barroseano. No entanto, ao avançarmos na pesquisa esta hipótese não apenas confirmou-se, mas foi também identificada a uma variável norte-americana. Diante da carência de estudos que analisem as fontes literárias que deram suporte teórico e metodológico à perspectiva museológica de Barroso, a confirmação desta hipótese e de sua variável, bem como o desdobramento de vários outros questionamentos, só poderia ser realizada por meio de uma espécie de ‘exegese’ das obras consultadas por ele. Aliás, mais que exegese, uma verdadeira ‘arqueologia’ considerando que estas obras não são de fácil acesso na atualidade, mesmo porque têm em torno de oitenta, noventa e cem anos, além de algumas serem datadas do século XIX, como os catálogos de Viardot e de Sommerard e os textos de Viollet-le-Duc, e mesmo mais antigas como “A Arte Poética”, de Boileau.

Desde o início do trabalho, concentramos o foco da pesquisa na identificação dos títulos referenciados por Barroso nas “Fontes Bibliográficas”⁶ das “Noções de Organização,

⁶ BARROSO, G. **Introdução à Técnica de Museus**. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica, v.1, 1946. p. 67.

Arrumação, Catalogação e Restauração”. Apesar do caráter sumário destes dados, as obras e autores citados nesta bibliografia são informações valiosas por constituírem as matrizes que fundamentaram suas ideias como professor do Curso de Museus. Assim, a metodologia de análise dos textos consistiu na identificação de todas as obras e autores citados ou referenciados por Gustavo Barroso seguida da leitura atenta e sistemática dos mesmos para se inteirar de seus conteúdos e poder assinalar ressonâncias nas “Noções de Organização, Arrumação, Catalogação e Restauração”. Um aspecto que muito dificultou esta fase da pesquisa é o fato de que a maior parte dos textos e autores, na atualidade, é desconhecida ou pouco conhecida, principalmente no Brasil.

Outro fator agravante decorreu da metodologia do próprio Barroso, ou talvez, mais acertadamente, da ausência de uma proposta metodológica convencional, na medida em que ele fez citações vagas e incompletas a nomes de estudiosos, escritores ou profissionais de museus ao longo de seu texto. Estas referências, apesar de incompletas, consistiram em importantes indícios para se chegar às fontes e o problema maior referiu-se a quatorze citações generalizadas a “técnicos”, sem esclarecer os nomes, tais como “técnicos europeus”, “técnicos norte-americanos”, “técnicos do mundo inteiro”, “importantes técnicos” etc. Apesar das inúmeras dificuldades conseguimos identificar os nomes e origens de praticamente todos estes “técnicos”. Esta identificação levou-nos a esclarecer várias fontes referenciadas por ele de maneira difusa, sem o necessário detalhamento catalográfico como artigos das revistas *Mouseion*; da série *Musées* da revista *Les Cahiers de la République des Lettres, des Sciences et des Arts*; dos Anais da Conferência de Madri, denominados *Muséographie I e II*; bem como da revista *L'Architecture d'Aujourd'hui*. Esta fase do trabalho, isto é, a elucidação e a leitura destas fontes, ocorreu entre 2010-14 e consistiu no ápice da pesquisa por representar o desvelamento das obras essenciais para compreensão do *corpus* teórico que fundamentou as ideias e propostas de Barroso. O conhecimento, na íntegra, dos artigos destas revistas e destes anais descortinam um quadro de textos e autores praticamente desconhecidos ou pouco conhecidos no Brasil e que não poderiam continuar sendo ignorados por se tratarem das bases constitutivas do pensamento museológico barroseano.

Ainda em relação aos entraves que procrastinaram o desenvolvimento da pesquisa, não podemos deixar de mencionar as dificuldades provocadas pela grande massa textual da Revista *Mouseion*. Num universo de 50 volumes (1928-40), foi inevitável ler cerca de 500

artigos, não somente para nos inteirarmos de seus conteúdos, mas também para identificar similaridades de ideias com o texto barroseano. A Série *Musées-Les Cahiers*, com um quantitativo de 39 artigos, representou um problema menor por serem textos mais curtos e diretos. Neste caso, tivemos que fazer leituras mais atentas por se tratarem, em geral, de artigos que abordavam questões predominantemente conceituais. Numa escala menor de dificuldade, podemos considerar os 18 artigos, ou melhor, capítulos, nos Anais da *Muséographie* I e II, ou seja, textos bastante volumosos se considerarmos as 525 páginas dos dois volumes. Ainda que se tratassem de textos essencialmente técnicos, tivemos que nos demorar na leitura de todos, visando identificar os possíveis trechos coligidos por Barroso. Por fim, temos que contabilizar – neste universo dos periódicos – os 24 artigos da Série *Muséographie*, de *L'Architecture d'Aujourd'hui*. Gustavo Barroso citou somente seis artigos desta série nas *Fontes Bibliográficas* (Foundoukidis, Hautecoeur, Huyghe, Isay, Moreux e Verne), entretanto, procedemos à análise de todos por entendermos que ele fizera a leitura da revista na íntegra. Em resumo, estes periódicos foram responsáveis – muito mais que os livros citados por Barroso – pelos vários anos dedicados a esta fase da pesquisa.

Por outro lado, os autores consultados por Barroso, sobretudo os que estão relacionados àquelas mesmas publicações, constituem um quadro de grande complexidade na medida em que se referem a importantes nomes, tais como os europeus Louis Hautecoeur, René Huyghe e Auguste Perret e os norte-americanos Charles Fabens Kelley, Ralph Clifton Smith e Sidney Fiske Kimball. No período entreguerras, estes estudiosos trabalharam temas de “vanguarda” como pesquisa de público, *marketing* e função educativa em museus, além de questões conceituais e técnicas de arquitetura de museus, exposição, documentação e conservação. O conhecimento das ideias e propostas destes autores que pensavam a “Museologia” nesta época, ou talvez com maior exatidão, a Museografia, foi esclarecedor não apenas para entender e redimensionar as posições de Gustavo Barroso, mas também para compreender as transformações que ocorreram no cenário internacional e que repercutiram no Brasil.

4. UMA PROPOSTA DE REVISIONISMO DA MUSEOLOGIA BARROSEANA

Os estudos sobre Gustavo Barroso, no que tange à Museologia, foram ativados na transição das décadas de 80 e 90, trinta anos após seu falecimento. A partir da década de 70, a “Introdução à Técnica de Museus” passou a ser considerada uma obra ultrapassada e a

simbolizar todo um passado vinculado aos modelos de Museologia e de Museu defendidos por ele. À medida que se avançava na atualização dos conceitos de Museologia e na assimilação das novas definições de Museu, inclusive da ideia de Museu Integral e do processo de aproximação e sensibilização junto ao público e às comunidades – ideias germinadas na Conferência Geral do Conselho Internacional de Museus - ICOM, em Grenoble (1971) e disseminadas, sobretudo, após a Mesa Redonda de Santiago (1972) – condenava-se ao desprestígio e a um gradativo esquecimento a Museologia empreendida por Gustavo Barroso, isto é, à Museologia que convergia a ênfase de seu estudo e de sua relação para o objeto, o estudo da cultura material e das metodologias de identificação e classificação. A partir deste momento a “Introdução à Técnica de Museus” passou a ser considerada uma obra obsoleta e pertencente a um passado que deveria ser condenado e esquecido. As novas ideias e propostas que emergiam no contexto internacional repercutiram no Curso de Museus provocando uma série de transformações metodológicas e conceituais que passaram a nortear o ensino da Museologia e a própria atuação dos profissionais de museus.

Esta posição radical em descartar a perspectiva barroseana é compreensível num momento de ruptura em que, para serem aceitas, as novas ideias deveriam estar fundamentadas na minimização e no esquecimento das propostas anteriores. Assim, a “Introdução à Técnica de Museus” representava tudo o que as novas concepções contestavam em termos de redução do conceito de museu como a ênfase à cultura material e à primazia do objeto-testemunho.

Contrariando este senso comum, nas “Noções de Organização, Arrumação, Catalogação e Restauração”, Barroso expressou ideias que poderíamos considerar progressistas para os anos 20, 30 e 40, tais como a compreensão do papel social do museu e de sua função educativa, a ideia de museu como “organismo vivo”, o reconhecimento da importância da “publicidade”, da “propaganda” e da necessidade de “atrair e seduzir” o público, bem como a conscientização de um princípio de racionalidade aplicado à exposição, dentre outros, como podemos depreender em alguns trechos:

A vida dinâmica dos museus deve ser pautada por êste princípio: instruir, **seduzindo**.⁷ (grifo nosso)

⁷ BARROSO, G. Op. cit. p. 25.

Um museu não deve ser unicamente um necrotério de relíquias históricas, etnográficas, artísticas, folclóricas ou arqueológicas; mas um **organismo vivo que se imponha pelo valor educativo**, ressuscitando o passado nêle acumulado.⁸ (grifo nosso)

Em geral, o maior mal que aflige aos museus é a angústia de espaço, o que produz o acúmulo de objetos e conseqüente fadiga da visão dos visitantes. **Os objetos amontoados prejudicam-se uns aos outros, quando de todo se não repelem.** O público deseja sempre conhecer o que é mais importante, sem grande canseira (sic), sem se extenuar. Parte do público contenta-se às mais das vêzes com uma boa visão de conjunto.⁹ (grifo nosso)

Na disposição topográfica das salas dum museu, ha toda conveniencia em poupar ao visitante qualquer fadiga sem proveito. Para isso, procura-se ao mêsmo tempo emocioná-lo e educá-lo, de modo que seu passeio através das coleções expostas seja o mais frutuoso possível no sentido moral e intelectual. (...) Tenha-se, assim, sempre presente à memória o seguinte postulado técnico: **Perder um visitante é romper um contato com a sociedade.**¹⁰ (grifo nosso)

Um museu é uma evocação do passado, que dá a sensação de épocas vividas ou de civilizações que desapareceram. Dêle se evola uma revoada de sonhos e fantasias, de **sentimentos que dilatam a alma e a emocionam.**¹¹ (grifo nosso)

A despeito destas concepções, prevaleceu, nos anos 70 e 80, a ideia de uma Museologia barroseana puramente saudosista, elitista e excludente, de bases nacionalistas e positivistas. Reconhecemos a validade destas visões, comuns não somente a Barroso, mas presentes nas tendências predominantes do setor cultural e nas práticas museais em vigor entre as décadas de 20 e 40, no entanto, acreditamos que a interpretação do pensamento barroseano somente por este prisma reduz a ideia de Museologia pensada por ele, prejudicando o estudo sobre os fundamentos teóricos da Museologia no Brasil, sobretudo em termos das perspectivas de formação e profissionalização.

Hoje, passadas mais de quatro décadas deste momento de transição verificado nos anos 70, o pensamento museológico de Gustavo Barroso precisa ser reposicionado no âmbito da trajetória da Museologia conforme as circunstâncias impostas não somente pelo contexto dos anos 20, 30 e 40, mas também pelas injunções típicas de um momento pioneiro tanto em relação ao país quanto ao cenário internacional. Por outro lado, a

⁸ Idem, p. 26-27.

⁹ Idem, p. 31.

¹⁰ Idem, p. 52.

¹¹ Idem, p. 65.

despeito de ser contestada, na verdade a “Introdução à Técnica de Museus” ainda não passou por um processo efetivo de reavaliação crítica, mesmo porque, como já foi observado, pouco se conhece sobre as fontes utilizadas por Barroso. Assim, o objetivo principal desta pesquisa foi exatamente fornecer informações mais concretas sobre as fontes a que ele teve acesso oferecendo subsídios para futuras revisões centradas efetivamente na reavaliação do pensamento museológico barroseano.

Em suma, transformar Gustavo Barroso numa *persona non grata* à Museologia relegando-o ao silêncio e identificando-o como um estereótipo elitista conforme a construção das décadas de 1970 e 1980, não é a solução mais racional e muito menos o que se espera do debate acadêmico e da pesquisa científica. As gerações de 70 e 80 envolveram Barroso num invólucro exclusivamente maniqueísta, isto é, engessando-o numa polaridade que não admite possibilidades de relativismo, permeabilidade ou mesmo de processos revisionistas. O que nos parece mais problemático na manutenção deste rótulo e do consequente segregamento dos estudos sobre a perspectiva de Barroso como museólogo não é somente a visão unilateral de seu pensamento e de sua atuação, mas, repetimos, o comprometimento estrutural do estudo da História da Museologia num período fundamental de sua construção: as décadas de 20, 30, 40 e 50. Enfrentar o estudo da Museologia pensada e praticada por Gustavo Barroso, como tem sido feito desde os anos 90, denota um processo gradual de amadurecimento e de busca de autoconhecimento da formação do próprio campo da Museologia no país.

5. A IMPORTÂNCIA DAS “NOÇÕES DE ORGANIZAÇÃO, ARRUMAÇÃO, CATALOGAÇÃO E RESTAURAÇÃO” PARA A CONSTITUIÇÃO DA MUSEOLOGIA NO BRASIL

A finalidade deste artigo é divulgar os resultados finais da pesquisa, nos quais podemos identificar, em síntese, duas matrizes principais do pensamento barroseano: uma essencialmente europeia combinada com outra norte-americana, esta, em menor escala, mas significativa para a compreensão de suas ideias mais avançadas relativas aos conceitos de Museu e de Museologia. Tanto a matriz europeia quanto a americana vivenciadas por meio de contatos com estudiosos, mas, em geral, de maneira direta, com museus e instituições similares. Isto pode ser percebido na própria fala de Barroso quando ele diz que, para embasar os estudos da disciplina Técnica de Museus, recorreu aos ensinamentos da

prática no Museu Histórico Nacional e também “na observação dos museus europeus e americanos, que várias vezes [frequentou] com o fito de aprender”¹² (grifo nosso).

Outra fonte de influência que devemos levar em conta, ainda que não possamos considerá-la como uma matriz, refere-se ao conhecimento, por parte de Barroso, de duas instituições latino-americanas: o Museu Histórico de Montevideu, no Uruguai, e o Museu Histórico de Luján, na Argentina. Apesar das publicações destes museus constituírem somente duas referências no contexto das “Fontes Bibliográficas” de Barroso, isto é, os textos de Telmo Manacorda e Sánchez Zinny, pareceu-nos importantes enquanto experiências uma vez que, no caso do Museu de Luján, Barroso esteve lá em 1935 e conheceu o complexo arquitetônico onde o museu fora inaugurado dois anos antes¹³. Apesar da montagem inicial do MHN ter sido um pouco anterior a estes dois museus, podemos conjecturar uma possível influência posterior, isto é, na década de 30. Barroso não deve ter ficado insensível às afinidades históricas e culturais comuns ao MHN e aos seus congêneres uruguaio e argentino.

Ainda que considerando o peso dos estudos de ‘observação’ na ‘formação museológica’ de Barroso temos que reconhecer a importância de seu contato com os livros, isto é, com uma literatura afim ou específica de museus. Esta constitui uma sólida matriz do conhecimento de Barroso nas áreas da Museologia-Museografia: livros, artigos e revistas. Além da observação direta dos museus por ocasião das viagens à Europa, Estados Unidos e América Latina, podemos dizer que Barroso fez uma longa e insondável ‘viagem’ pelos livros. Estes constituíram importantes bases para o que ele acreditava tratar-se de Museologia, a começar pelas questões da preservação de Patrimônio (Viollet-le-Duc e Ruskin) e depois pelo mundo dos museus. Neste universo podemos destacar dois momentos. O primeiro, associado a fontes de consulta do século XIX, sobretudo catálogos (Viardot, Madrazo e Sommerard). E o segundo, fundamentado numa literatura atualizada, ou seja, em textos do período entreguerras, mais exatamente das décadas de 1920 e 1930, especializados em questionamentos e relatos de experiências no âmbito da Museografia (*Mouseion, Musées- Les Cahiers, Muséographie*). Ainda que essencialmente técnicos estes textos já apontavam questões voltadas para a função social dos museus com ênfase nas atividades educativas.

¹² BARROSO, G. Op. cit. p. 7.

¹³ O trabalho realizado por Telmo Manacorda no Museu Histórico de Montevideu data de 1923-24.

Em outras palavras, podemos dizer que as fontes bibliográficas que fundamentaram o texto de Barroso referem-se majoritariamente às publicações do *Office International des Musées*, em especial a revista *Mouseion* (1927-1940), os anais da Conferência de Madri, *Muséographie I e II* (1935), também denominada *Traité de Muséographie*, e ainda *La Conservation des Monuments d'Art et d'Histoire* (1933), inclusive o texto da Carta de Atenas de 1931. Além destas publicações do *OIM*, Barroso procurou utilizar também outros periódicos da época que trabalhavam com as ideias mais recentes em termos de estudos de museus, como a série *Musées*, de *Les Cahiers de la République des Lettres, des Sciences et des Arts* (1931), e a revista *L'Architecture d'Aujourd'hui* (1938), todos já citados.

A despeito da relevância das publicações do *Office International des Musées*, sobretudo da revista *Mouseion*, fica claro no texto barroseano o peso representado pelos artigos da série *Musées-Les Cahiers*, visível nas questões técnicas sobre o Método do Duplo Museu¹⁴, mas, sobretudo, nas reflexões e posições referentes à relação do museu com o público: a valorização das ações educativas, a importância da publicidade/propaganda e da pesquisa de público, bem como a necessidade de atrair, sensibilizar e não “fatigar” o visitante. Além disso, percebemos igualmente, em Barroso, o entendimento precursor do conceito de Conservação Preventiva a partir do artigo de Margherita Sarfatti¹⁵, também da série *Musées*, questão que estava no cerne das discussões internacionais no contexto da Conferência de Roma de 1930. Naturalmente, esta visão foi ampliada a partir do contato com publicações do *OIM*, inclusive referentes aos textos preparatórios e aos resultados da Conferência de Roma e da Conferência de Atenas (1931).

Entretanto, se tivermos que eleger as publicações que mais teriam influenciado o texto de Barroso, os artigos da série *Musées-Les Cahiers* teriam que vir praticamente numa mesma ordem de importância, junto aos artigos da *Mouseion*. Mesmo porque, as poucas citações de nomes ao longo do texto referem-se a artigos da série *Musées-Les Cahiers* – Frederik Schmidt-Degener, Waldemar Deonna, Marcel Nicolle e Auguste Perret – e a

¹⁴ Consistia em organizar o museu em duas instâncias diferenciadas em relação ao acervo e ao público: um museu com uma exposição de obras “atraentes” para o grande público e um museu mais especializado, na verdade uma reserva técnica de estudos aberta a pesquisadores e estudantes. Teve grande repercussão nos anos 1930 em decorrência da polêmica suscitada pelo Plano Verne, projeto de modernização e reformulação do Museu do Louvre, elaborado por Henri Verne e posto em prática a partir de 1929.

¹⁵ SARFATTI, Margherita. **Faut-il Restaurer ou bien Conserver la Peinture?**. In: D'ESPEZEL, P., HILAIRE, G. (org.), WILDENSTEIN, G. (coord.). *Les Cahiers de la République des Lettres, des Sciences et des Arts* (Série Musées). Paris, nº XIII, 1931, p.110-116.

citações de autores da *Mouseion* – Charles de Visscher e o mesmo Auguste Perret. Numa segunda posição podemos incluir os textos da *Muséographie* e os artigos de *L'Architecture d'Aujourd'hui*. No entanto, mais do que estratificar o grau de influência destas fontes no momento da implantação da disciplina Técnica de Museus e da elaboração do texto “*Noções de Organização, Arrumação, Catalogação e Restauração*”, acreditamos que o mais importante é registrar a convergência, sobre o pensamento de Barroso, de todas estas fontes, tanto a série *Musées-Les Cahiers*, quanto as publicações do *OIM*.

Neste quadro de assimilação de modelos europeus ou norte-americanos percebemos que Barroso não se deixou levar por uma leitura totalmente acrítica e que se preocupou em filtrar ou ‘aclimatar’ ideias e procedimentos ao MHN e, por extensão, à realidade dos museus brasileiros. Isto pode ser identificado na comparação que ele faz entre a exposição de porcelanas da Sala dos Donatários com as do Rijksmuseum, de Amsterdam, e do Museu Fitzwilliam, de Cambridge, esta criticada pelo “acúmulo” de peças. A reprodução fotográfica de uma sala deste último foi utilizada como exemplo de uma tentativa de evitar o abarrotamento de peças. Barroso considera, sem falsa modéstia, que o sistema de vitrines do MHN foi mais “aperfeiçoado” que o do museu inglês por apresentar uma quantidade menor de vitrines e de objetos expostos¹⁶. Ele admite a influência das vitrines do Museu Fitzwilliam e da maneira em distribuí-las, no entanto, não se exime de um exame crítico e, ao falar das vitrines de porcelanas do Rijksmuseum, afirma que o Museu Histórico Nacional utilizou sistema semelhante, mas acrescenta que esta adaptação foi “tecnicamente mais bem disposta”¹⁷.

Outro aspecto que pode reiterar esta postura crítica refere-se à opção de Barroso pelo termo Técnica de Museus para designar seus estudos sobre museus, preterindo Museografia, então, o termo ‘oficial’ de todas as publicações do *OIM* e corrente em outras revistas europeias. De qualquer forma não podemos perder de vista a predominância, sobre Barroso, do modelo europeu de Museu e de ‘Museologia’, contudo, o fato de haver referências e assimilação de ideias preconizadas pelos museus americanos leva-nos a depreender que havia uma ‘abertura’ em seu pensamento e que o modelo europeu, apesar de prevalecer, não era considerado por ele como hegemônico.

¹⁶ BARROSO, G. Op. cit. p. 56.

¹⁷ Idem, p. 55.

Os maiores desafios que Barroso teve de enfrentar em termos de fontes referem-se, a nosso ver, às áreas da Comunicação e da Percepção Visual aplicadas à exposição, necessidades prementes face à organização do circuito expositivo do Museu Histórico Nacional. Como saída para embasar soluções estéticas e formais na montagem de exposições, ele buscou subsídios nos recônditos de suas leituras, mais exatamente nos textos sobre Crítica e Estética de Arte escritos por protocriticos franceses como Boileau e Montesquieu. Isto quer dizer que Barroso aplicou à exposição conceitos clássicos, como equilíbrio, simetria, harmonia e proporcionalidade, dentre outros empregados na leitura visual das obras de arte, num momento em que inexistiam trabalhos sobre a estética e a comunicação expográfica. Ele se vale destes preceitos clássicos para trabalhar racionalmente a exposição, apesar de não desconhecer os princípios de neutralidade preconizados nos primeiros museus de Arte Moderna da transição das décadas de 20 e 30, inclusive o projeto do Museu Moderno, de Perret¹⁸, e do Museu Ideal, de Le Corbusier¹⁹. A análise de suas falas relativas à exposição não somente em relação a recursos visuais, mas também à circulação de público, leva-nos a observar certos avanços em termos de Comunicação Museológica. Estes avanços podem ser percebidos na comparação das imagens de salas do MHN, reproduzidas nas “Noções de Organização, Arrumação, Catalogação e Restauração”, às imagens de salas do Museu Histórico de Montevideu e do Museu Histórico de Luján que ilustraram os textos dos já citados Manacorda e Sánchez Zinny. Esta comparação aproxima a expografia barroseana às vanguardas museográficas europeias na medida em que se percebe, no circuito expositivo do MHN, uma tendência a liberar espaços para circulação, a evitar o abarrotamento de paredes e vitrines e a não utilizar manequins com traços realistas.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fase final da pesquisa constou da organização dos dados levantados seguida da redação do texto e de sua revisão. Desde o início, à medida que adiantávamos na identificação das fontes e acumulávamos mais informações, percebíamos a necessidade de nos ampararmos em quadros e gráficos que sintetizassem a organização dos dados. Todos

¹⁸ PERRET, A. **Le Musée Moderne**. In.: OFFICE INTERNATIONAL DES MUSÉES. *Museion: Bulletin de L'Office International des Musées*. Paris: Office International des Musées, Institut International de Coopération Intellectuelle. v. 9, ano 3, 1929, p. 225-235.

¹⁹ HAUTECOEUR, L. **Programme Architectural des Musées**. In: VAGO, P. (org.). *L'Architecture d'Aujourd'hui*. Paris: Imp. Langlois. nº 6, ano 9, jun. 1938, p. 5-12. (Série Muséographie)

estes quadros e gráficos foram reproduzidos ao final dos textos²⁰ com o objetivo de compartilhar as informações e tornar compreensível ao leitor o processo de mapeamento, bem como apresentar, de maneira detalhada, os dados que fundamentaram as análises do texto barroseano em relação às fontes que lhe serviram de base.

Nos quadros foram organizados os dados relativos aos autores, bem como às obras e às ideias pinçadas para a construção do texto barroseano. Os gráficos permitiram uma aferição nítida, bem como uma visualização objetiva em relação aos percentuais e neles as informações referentes às fontes literárias utilizadas por Barroso foram trabalhadas em relação a vários questionamentos levantados a partir da hipótese que norteou a pesquisa: 1-Categorias temáticas; 2-Origem de autores (europeia, norte-americana ou latino-americana); 3-Nacionalidade dos europeus; 4-Natureza das fontes (livros, catálogos ou artigos); 5-Periodização das fontes por século; 6-Datação dos artigos do século XX por décadas; 7-Incidência dos periódicos; 8-Nascimento dos autores por século; 9-Autores contemporâneos de Gustavo Barroso; e, por fim, 10-Perfil de formação e atuação profissional destes autores.

Todos estes dados indicam tendências características de obras e autores estudados por Barroso propiciando respostas para as questões formuladas no início da pesquisa e que foram se fortalecendo e se ampliando à medida que avançávamos nas análises. Sendo assim, a título de conclusão deste artigo, sintetizamos os resultados finais da pesquisa nos pontos que se seguem, com a finalidade de consolidar as ideias centrais que depreendemos do pensamento museológico barroseano e de suas matrizes:

Gustavo Barroso desempenhou um papel pioneiro no âmbito da Museologia-Museografia no Brasil, tendo trabalhado com autores e obras com temática específica destas áreas num momento em que estes estudos começavam a despontar.

A matriz europeia é flagrante na construção de seu pensamento museológico. A predominância é francófona e de autores de seu próprio tempo, isto é, nascidos nas décadas de 1880 e 1890, mas cujo ápice da atividade ocorreu entre as décadas de 1920 e 1940, ou seja, Barroso pertence à geração que efetivamente promoveu transformações pioneiras nos

²⁰ O texto foi concluído em maio de 2017. Todo o processo da pesquisa e todos os resultados, inclusive os quadros e gráficos serão publicados em formato de livro, em fase final de revisão e cuja publicação está prevista para o fim deste ano.

museus e na Museologia-Museografia, se considerarmos os padrões que remontavam ao século XIX.

Não percebemos em Barroso a ideia de eleger determinadas obras ou autores como balizadoras de seu pensamento. Percebemos alinhamento às ideias e aos debates disseminados pelas publicações do *Office International des Musées*, ou seja, o cerne de suas fontes literárias é constituído, fundamentalmente, de artigos de periódicos. O caráter de mobilidade destes artigos favoreceu seu alcance a estas publicações e viabilizou sua constante atualização às discussões internacionais.

Os artigos de periódicos utilizados por Barroso – majoritariamente publicados pelo *OIM* – representavam o que havia de mais avançado, no contexto internacional, em termos de estudos de museus. Estes artigos de periódicos datam maciçamente dos anos 30 e abordam questões específicas da Museografia. Isto nos permite depreender que a atuação e a produção técnica e intelectual de Barroso no âmbito da Museologia-Museografia e da política de museus foi compatível com as transformações internacionais da primeira metade do século XX, cuja efervescência verificou-se nos anos 30.

A concentração de publicações nos anos 30 confere ao período entreguerras uma excitação intelectual inédita colocando a Museografia na ordem do dia dos estudos de museus. A par das questões museográficas despontam questões específicas da relação comunicacional entre museus e público anunciando uma nova compreensão de Museologia.

O perfil profissional dos autores é, na sua maior parte, de conservadores-curadores e historiadores da arte. Estes profissionais atuaram, predominantemente, em museus históricos-artísticos. Neste sentido, podemos identificar o espaço destas tipologias de museus como o *locus* principal onde emergem as questões museográficas que irão alimentar as discussões ‘museológicas’.

A despeito de predominar a influência europeia, notadamente de matriz francesa, Gustavo Barroso assimila também conceitos e propostas defendidas pela Museologia-Museografia norte-americana. Estes novos influxos – igualmente assimilados pelos museus europeus – representam a parte mais ‘vanguardista’ do pensamento barroseano e podem ser identificados no reconhecimento da função social e das potencialidades educativas do museu. Estas premissas podem ser detectadas na percepção de Barroso do caráter atrativo do museu, sobretudo em termos visuais e sensoriais, bem como na preocupação em estabelecer uma relação mais próxima entre o museu e seu público, e de compreendê-lo sob

um prisma ‘psicológico’: seja investindo na divulgação e na pesquisa de público, seja evitando a “fadiga” do visitante e proporcionando-lhe conforto e bem estar físico e visual.

A referência a dois textos de autores hispano-americanos – Manacorda e Sánchez Zinny – pode ser interpretada tanto como uma tentativa de diálogo com a Museologia-Museografia latino-americana, quanto com a proposta de registrar trabalhos pioneiros paralelos ao do Museu Histórico Nacional. Por outro lado, a análise destes textos e das imagens de circuitos expositivos neles reproduzidas – ao serem comparadas ao MHN – salienta o protagonismo de Barroso no contexto da América Latina, cujo diferencial pode ser verificado exatamente na conexão com as publicações do *OIM*.

A influência europeia materializa-se numa nova percepção de Museografia, isto é, numa perspectiva “científica”, entendida como um amplo suporte de estudo e de organização técnica de coleções: gestão, pesquisa, documentação, conservação e exposição. Para Barroso, a Documentação consistia, essencialmente, no trabalho de identificação e classificação e fundamentava-se numa pesquisa complexa, multidisciplinar, visando extrair informações intrínsecas e extrínsecas dos objetos / coleções. O objeto é concebido como documento que deve ser estudado a partir de uma metodologia com base na heurística e na hermenêutica, ou seja, conforme a proposta científica defendida pelos historiadores positivistas e aplicada na análise e interpretação das fontes documentais.

A despeito de não percebermos em Barroso, com clareza, o entendimento da Restauração como um campo autônomo de conhecimento, esta sua concepção sintonizava-se às principais tendências internacionais da época. É digno de nota o fato de ele ter preconizado a formação em Restauração num momento em que não havia cursos nesta área. Isto pode ser observado na inserção de conteúdos de Restauração numa disciplina de Museografia, isto é, nas “Noções de Organização, Arrumação, Catalogação e Restauração”. Por outro lado, quando reconhece que a Conservação deve ser “**eminente** **preventiva**”²¹ (grifo nosso), ele inaugura, no Brasil, a ideia da relevância da Conservação Preventiva como uma iniciativa das políticas de Preservação e como uma das Técnicas de Museu ou, como entendemos hoje, da Museografia. Neste sentido, a Técnica de Museus como um todo pode ser associada ao atual conceito de Museologia Aplicada, isto é, à ideia da prática museal fundamentada na gestão, pesquisa, documentação-informação, preservação-conservação e comunicação-exposição.

²¹ BARROSO, G. Op. cit. p. 84.

A compreensão, por parte de Barroso, de que a exposição era o principal canal no processo de transformação social e de comunicação do museu com o público, levou-o a enfatizar o capítulo “Como arrumar um Museu”, no qual ele trabalha toda a parte expográfica: arquitetura e espaços; circuitos e topografia; efeitos estéticos; suportes, inclusive paredes, vitrines e manequins; tipos de iluminação etc. Além de ser o item mais trabalhado em relação ao conteúdo do texto é o único a ser fartamente ilustrado com desenhos e reproduções fotográficas.

Outro aspecto da comunicação expográfica que podemos considerar avançado refere-se à preconização de aspectos racionalizantes nos espaços expositivos, tanto em relação à arquitetura propriamente dita, quanto à disposição e quantidade de objetos expostos. Entretanto, apesar do conhecimento de Barroso dos princípios racionais aplicados à arquitetura de museu do *Art Déco* (Auguste Perret) e da Arquitetura Moderna (Le Corbusier), na prática, percebemos que ele assimilou e adaptou os ideais de racionalidade da estética clássica (Boileau e Montesquieu), tais como: harmonia, equilíbrio, simetria e proporcionalidade.

Talvez mais inovador que a percepção de uma Museografia “científica”, tenha sido a ideia de convertê-la num projeto de ensino, ou seja, de estruturar uma disciplina que fosse o âmago de formação profissional do Conservador de Museus-Museólogo.

As “Noções de Organização, Arrumação, Catalogação e Restauração”, além de constituírem o *opus magnum* do pensamento museológico barroseano e o texto seminal dos estudos de Museologia-Museografia no Brasil, não devem ser analisadas numa perspectiva simplista de pura compilação dos dados, pois sua elaboração implica num trabalho de reflexão e interpretação pessoais. Isto corresponde a dizer que Gustavo Barroso não se restringiu a assimilar acriticamente as propostas europeias e norte-americanas, mesmo porque ele tinha entendimento da grande dificuldade que havia para incorporá-las aos museus brasileiros em função da inexistência de uma política efetiva para os museus. Sua leitura das matrizes europeias e norte-americanas passou por um processo de posicionamento crítico para a adequação, à realidade brasileira, das ideias e tendências da Museologia-Museografia internacional em desenvolvimento na sua época.

O processo de assimilação, por parte de Barroso, não se bastou à esfera teórica, tendo como correspondente uma ação prática concretizada no Museu Histórico Nacional e no Curso de Museus, que foram utilizados como laboratórios, isto é, como *locus* de aplicação

dos conceitos e metodologias ‘experimentais’ de técnica, formação e desenvolvimento profissional do Conservador de Museus-Museólogo.

Em síntese, esperamos que os resultados finais desta pesquisa possam tornar menos penosos os futuros trabalhos de reavaliação crítica do texto barroseano, oferecendo subsídios concretos e abrindo perspectivas à pesquisa sobre os estudos teóricos da Museologia-Museografia. Esperamos também que estes resultados contribuam com o processo de construção de uma história da Museologia em nosso país. Não podemos desconhecer as fontes literárias que orientaram o desenvolvimento dos conceitos, metodologias e práticas museológicas no Brasil. Independentemente das contradições ou idiosincrasias que possam haver, inclusive em relação às matrizes que moldaram os museus e a formação em Museologia, o estudo e a investigação sobre a história da Museologia devem ser enfrentados, preferencialmente a partir da pesquisa em fontes primárias. A busca do entendimento desta história liberta a Museologia de visões reducionistas e estigmatizantes resultando no amadurecimento e na consolidação de seu papel na sociedade e no universo das Ciências Sociais e Humanas. Tudo isso contribui para o fortalecimento do seu campo disciplinar e do seu campo profissional.

REFERÊNCIAS

- BARROSO, Gustavo. Noções de Organização, Arrumação, Catalogação e Restauração. In: **Introdução à Técnica de Museus - Parte Geral**. v.I. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica. 1946. 338 p.
- D’ESPEZEL, Pierre, HILAIRE, Georges (org.), WILDENSTEIN, Georges (coord.). **Les Cahiers de la République des Lettres, des Sciences et des Arts**. nº XIII. Paris, 1931. 393 p. (Série Musées).
- DESVALLÉES, A. e MAIRESSE, F. **Conceitos-chave de Museologia**. (Trad. e comentários de Bruno Brulon e Marília X. Cury) São Paulo: Armand Colin / ICOM, 2013. 98p.
- MANACORDA, T. **Plan de organización, ideas, fundamentos y noticias de prueba que la dirección del Archivo y Museo Histórico Nacional**. Montevideo: El Siglo Ilustrado, 1924. 80p.
- MONTESQUIEU, Charles-Louis de. **Essai sur le goût**. Paris: Armand Colin Ed. 1993.
- OFFICE INTERNATIONAL DES MUSÉES. **La Conservation des Monuments d’Art et d’Histoire. Conclusions de la Conférence d’Athènes**. In: OFFICE INTERNATIONAL DES MUSÉES. Paris: Office International des Musées. Institut de Coopération Intellectuelle, 1933. 487 p.
- OFFICE INTERNATIONAL DES MUSÉES. **Mouseion: Revue Internationale de Muséographie**. Paris: Office International des Musées, Institut International de Coopération Intellectuelle. v. 3-50, 1927-1940.

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

OFFICE INTERNATIONAL DES MUSÉES. **Muséographie**. v. I e II. Architecture et Aménagement des Musées d'Art / Conférence Internationale d'Études, Madrid, 1934. Paris: Office International des Musées, [1935]. 525p.

MADRAZO Y KUNTZ, Pedro. **Catalogo de los cuadros del Museo del Prado**. Madri: Imprenta y Fototipia de J. Lacoste, 1910. 705 p.

PERRET, A. **Le Musée Moderne**. In.: OFFICE INTERNATIONAL DES MUSÉES. Mouséion: Bulletin de L'Office International des Musées. Paris: Office International des Musées, Institut International de Coopération Intellectuelle. v. 9, ano 3, 1929. p. 225-235.

RUSKIN, J. **A Lâmpada da Memória**. Trad. e apresentação Maria Lucia Bressan Pinheiro; revisão Beatriz e Gladys Mugayar Köhl, Cotia (SP): Ateliê Editorial, 2008. 88p.

SÁNCHEZ ZINNY, Eduardo Florencio. **Catalogo del Museo Colonial y Historico de Luján**. La Plata, Argentina: Taller de Impresiones Oficiales de la Provincia de Buenos Aires, 1934. 261 p.

SARFATTI, Margherita. **Faut-il Restaurer ou bien Conserver la Peinture?**. In : D'ESPEZEL, P., HILAIRE, G. (org.), WILDENSTEIN, G. (coord.). Les Cahiers de la République des Lettres, des Sciences et des Arts. n° XIII. Paris, 1931. p.110-116. (Série Musées).

VAGO, Pierre (org.). **L'Architecture d'Aujourd'hui**. Paris: Imp. Langlois. n° 6, ano 9, jun. 1938. 89p. (Série Muséographie).

VIARDOT, Louis. **Les Musées d'Europe** (Série). Guide et memento de l'artiste et du voyageur. Paris: Hachette et cie. (reedições: 1852, 1855, 1856 e 1860).

VIOUET-LE-DUC, Eugène-Emmanuel. **Dictionnaire raisonné de l'architecture française du XI^e au XV^e siècle**. v.8 (q-s). Paris: Bance. 1856.

XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP